

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA:
DORIS WISHMAN
4 e 7 de Maio de 2022

KEYHOLES ARE FOR PEEPING / 1972

Um filme de Doris Wishman

Realização: Doris Wishman / Argumento: Doris Wishman e Lou Burdi / Direcção de Fotografia: C. Davis Smith / Música: Edward Glass / Som: Lou Burdi / Montagem: Lou Burdi / Interpretação: Sammy Petrillo (Stanley Bebble / Mrs Bebble), Philip Stahl (Manuel), Saul Meth (sogra), Arlana Blue (Myra Rawson), Pamela Mann (Chris George), Alex Mann (Tom George), Kristen Steen (Katie), etc.

Produção: Juri Productions / Produtora: Doris Wishman / Cópia: Digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 69 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Com a presença de Lisa Petrucci na sessão de dia 7

1972 foi o ano em que se estreou **Deep Throat**, o filme que marcou o início da chamada “idade dourada do porno”, evocada em décadas posteriores por dúzias de filmes, do **Boogie Nights** de Paul Thomas Anderson a um curioso e muito recente filme de terror, o **X** de Ti West. A história do porno não é bem a nossa especialidade, mas também não será preciso saber muito para depreender que a ascensão do “hardcore” a um trono de grande popularidade deixou num limbo boa parte do que se entendia como “sexploitation”, cujos atrevimentos terão passado, da noite para o dia, a parecer diabruras infantis, quando não completamente inócuos. Quem queria ir ao cinema para ver sexo ia ver a “real thing”, não a caricatura distorcida da “real thing” (e frequentemente muito púdica, como já vimos sobretudo nos primeiros filmes de Doris Wishman, **Diary of a Nudist** ou **Nude on the Moon**) – e isto dito na admissão de que o porno pode ser profundamente fantasioso no seu retrato do sexo mas permanece, e é isso que define o “hardcore”, uma percentagem de “realidade”.

Então, como competir com isto, com os “deep throats” que então passaram a ter rédea solta e a existir em abundância? Wishman e outros cultores do “sexploitation” ter-se-ão posto esta pergunta. Uma resposta possível foi dada por este filme: não vamos fazer um porno, vamos *espreitar* o porno. As “keyholes” são para isso, para “peeping”, e embora **Keyholes are for Peeping** incluía algumas cenas de sexo não justificadas por espreitadelas (uma, dois casais em manobras simultâneas na mesma cama, está algures entre a natação sincronizada e uma caricatura, prévia e obviamente involuntária, das coreografias eróticas de Jean-Claude Brisseau), quase todo o sexo do filme se justifica através do voyeurismo e da espreitadela. É um sexo modesto na exibição dos atributos dos seus protagonistas mas, enfim, bastante mais explícito do que na generalidade dos filmes anteriores de Wishman. E, embora, como de costume, haja um arremedo de narrativa a enquadrar essas cenas, as proporções e os ratios não enganam: a duração das cenas de sexo faz delas, claramente, o centro e a razão de ser de **Keyholes are for Peeping**. Uma lógica de porno, de facto, em que as personagens se arrastam em cenas pseudo-narrativas que são sempre uma espécie de entreposto para repousar e ganhar balanço para a próxima cena de sexo. E de certo modo, sim, uma caricatura

dos procedimentos – da estrutura – do porno. Mas aí, como escreveu um comentador e com o qual concordamos, os filmes de Wishman têm mais piada quando ela não tenta declaradamente ter piada.

De modo que, de **Keyholes are for Peeping**, registaríamos dois aspectos relativamente curiosos. Um tem a ver com a alternância cor/preto e branco – as cenas de sexo espreitadas são dadas a preto e branco, às vezes em negativo (porno e “avant-garde” pelo preço de um só bilhete: a proposta deverá ter parecido irrecusável a muitos dos seus contemporâneos...), o que aproxima o filme de alguns clássicos como o **A Matter of Life and Death** de Powell & Pressburger (ou, mais tarde, o **Himmel Uber Berlin** de Wenders) onde o mundo dos “anjos” e do “paraíso” também era dado num preto e branco contrastante com as cores da realidade. O outro aspecto tem a ver com as similitudes entre o filme de Wishman e um clássico (igualmente a preto e branco) do voyeurismo nos filmes, o **Psycho** de Hitchcock – também aqui, para além dos buraquinhos de espreitar, há uma personagem obcecada com a mãe e que nalgumas cenas se desdobra na interpretação do papel dela também. Esse actor, Sammy Petrillo, ganhava a vida como imitador de Jerry Lewis, coisa que de vez em quando (os esgares, a voz esganiçada) se nota. O que nos permite concluir: que filme poderia ter sido **Keyholes are for Peeping** se Doris Wishman tivesse realmente pensado em, e “cozinhado”, Powell, Hitchcock e Lewis...

Luís Miguel Oliveira